

# LA CONSOMMATION DURABLE ET LE COMPORTEMENT DU CONSOMMATEUR BRÉSILIEN<sup>1</sup>

## DE LA CONSOMMATION VERTE À LA CONSOMMATION DURABLE

La conception des responsables de la crise environnementale est passée par un processus de changement. Si jusqu'aux années 1970 la crise était attribuée à l'accroissement démographique dans les pays sous-développés, avec la Conférence de Stockholm le centre de la crise s'est tourné vers le processus d'industrialisation et de production mené par les pays développés. À partir du début des années 1990, avec Rio92, la discussion a pris une nouvelle forme : le style de vie et les modèles de consommation de la société capitaliste ont été pointés comme les responsables de la crise.

C'est dans ce contexte que surgit l'idée de «consommation verte» accompagnée de la notion de co-responsabilité des individus en tant que consommateurs citoyens concernés par l'impact environnemental de leurs demandes. La notion de «consommation verte» s'est concentrée plus tard dans le terme «consommation durable».

Le consommateur vert se préoccupe non seulement des variables coût et qualité mais aussi de la variable environnementale, préférant des produits moins agressifs pour l'environnement.

La stratégie du «consommateur vert» est devenue plus commune. Le discours du citoyen-consommateur, responsable de la santé de l'environnement, est répété par diverses voix qui insistent sur le transfert de l'activité régulatrice pour les individus. Néanmoins, un tel discours présente diverses failles.

Tout d'abord, il y a une confusion entre les termes «citoyen» et «consommateur» de la part des adeptes du discours du consommateur conscient. Ces derniers identifient une équivalence entre les termes. Toutefois la relation citoyen – consommateur doit être repensée face à la détérioration du concept de citoyenneté. Quand le citoyen et le consommateur sont considérés synonymes, l'éducation, le logement, le loisir et la santé ne figurent plus comme des droits sociaux mais comme des conquêtes personnelles.

Dans ce cas, si le citoyen est réduit à la notion de consommateur, ses actions commencent à se concentrer dans la sphère privée de la consommation. Le discours libéral s'approprie la notion de citoyenneté pour dire que seul celui qui participe au marché est considéré «citoyen».

Selon Portilho (2005), un autre point faible de l'idée de «consommationverte» est le fait qu'elle n'aborde pas les processus de production et de distribution en plus de transférer la responsabilité de l'État régulateur et des entreprises productrices et distributrices vers l'individu consommateur. Elle enseigne que la stratégie de la consommation verte peut

---

1 FERREIRA, Vitor Hugo do Amaral; CARVALHO, Diógenes Faria de Carvalho. La consommation durable et le comportement du consommateur brésilien. In: Vitor Hugo do Amaral Ferreira; Nivaldo dos Santos; Diógenes Faria de Carvalho. (Org.). Sociedade de consumo: pesquisas em Direito do Consumidor. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018, v. 04, p. 11-34.

être analysée comme une sorte de transfert de l'activité régulatrice en deux aspects: de l'État vers le marché par l'intermédiaire des mécanismes d'autorégulation; et de l'État et du marché vers le citoyen par le biais des choix de consommation.

En outre, la consommation verte n'aborde pas des thèmes importants tels que la culture consumériste et la nécessité de changement dans les paradigmes de la société de consommation. C'est pour ces raisons que nous défendons l'interruption de la stratégie de consommation durable basée sur le transfert de l'activité régulatrice. La Politique Publique de Consommation Durable doit être concentrée dans l'État et à ce qui doit être imposé à la libre initiative, et il est de la responsabilité du Judiciaire de réprimer fortement les possibles dommages environnementaux.

Ainsi apparaît une nouvelle proposition au regard des questions problématiques de la consommation verte: le modèle de consommation durable. Grâce à ce dernier, la question environnementale réussit à être surmontée au moyen d'actions publiques collectives et d'interventions politiques. Les actions comme la réduction de la consommation de sacs plastiques, le recyclage et la réutilisation de matières premières, l'adoption de la Loi sur les résidus solides, etc., sont associés à un système complexe qui partage la responsabilité entre divers secteurs (SANTOS, 2005; PORTILHO, 2005).

### **GABARITO:**

#### **DO CONSUMO VERDE AO CONSUMO SUSTENTÁVEL**

A concepção dos responsáveis pela crise ambiental passou por um processo de mudança. Se até a década de 1970, a crise era atribuída ao crescimento demográfico nos países subdesenvolvidos; com a Conferência de Estocolmo, o foco da crise tornou-se o processo de industrialização e produção levado a cabo pelos países desenvolvidos. A partir do início da década de 90, com a Rio92, a discussão ganhou novos contornos: os estilos de vida e os padrões de consumo da sociedade capitalista foram apontados como os responsáveis pela crise.

É neste contexto que surge a ideia de “consumo verde”, atrelada à noção de co-responsabilidade dos indivíduos enquanto consumidores cidadãos preocupados com o impacto ambiental de suas demandas. A noção de “consumo verde” foi concentrada, mais tarde, no chamado “consumo sustentável”.

O consumidor verde preocupa-se, pois, não só com as variáveis preço e qualidade, mas também com a variável ambiental, preferindo produtos menos ou não agressivos ao meio ambiente.

A estratégia do “consumidor verde” tornou-se a mais comum. O discurso do consumidor-cidadão, responsável pelo meio ambiente saudável, é repetido por diversas vozes, que insistem na transferência da atividade regulatória para os indivíduos. Porém, tal discurso apresenta diversas falhas.

Primeiramente, há uma confusão entre os termos “cidadão” e “consumidor” por parte dos adeptos do discurso do consumidor consciente. Estes identificam uma equivalência

entre os termos, porém, a relação cidadão-consumidor deve ser repensada, ante o desgastado conceito de cidadania. Quando cidadão e consumidor são considerados sinônimos, a educação, a moradia, o lazer e a saúde deixam de aparecer como direitos sociais, para aparecerem como conquistas pessoais.

Dessa forma, se o cidadão for reduzido à noção de consumidor, suas ações passam a concentrar-se na esfera privada do consumo. O discurso liberal estará apropriando-se da noção de cidadania para dizer que só quem participa do mercado consumidor será considerado “cidadão”.

Outro ponto falho da ideia de “consumo verde”, segundo Portilho (2005), é o fato dela não abordar os processos de produção e distribuição, além de transferir a responsabilidade do Estado regulador e das empresas produtoras e distribuidoras para o indivíduo consumidor. Ela ensina que a estratégia do consumo verde pode ser analisada como uma espécie de transferência da atividade regulatória, em dois aspectos: do Estado para o mercado, por meio de mecanismos de autorregulação; e do Estado e do mercado para o cidadão, por meio das escolhas de consumo.

O consumo verde tampouco tangencia temas importantes, como a cultura consumista e a necessidade de mudança nos paradigmas da sociedade de consumo. É por essas razões que defendemos que deve ser afastada a estratégia de consumo sustentável baseada na transferência da atividade regulatória. Deve a Política Pública de Consumo Sustentável estar focada no Estado e ao que deve ser imposto à livre iniciativa, cabendo ainda ao Judiciário reprimir fortemente as hipóteses de dano ambiental.

Assim, reconhecidas as questões problemáticas do consumo verde, surge uma nova proposta, o modelo de consumo sustentável. A partir dele, a questão ambiental passa a ser enfrentada por meio de ações públicas coletivas e intervenções políticas. Ações como a redução no consumo de sacolas plásticas, a reciclagem e o reuso de matérias primas, a aprovação da Lei de resíduos sólidos, etc. passam a fazer parte de um complexo sistema que partilha a responsabilidade entre diversos setores. (SANTOS, 2005; PORTILHO, 2005).